

Explicação inicial sobre a possibilidade de realizar a apresentação pública no dia 17, sobre os respetivos convites aos Encarregados de Educação, a justificação para a realização da entrevista e a solicitação à colaboração de todos.

1- Aprenderam ou desenvolveram algumas novas técnicas para utilizar nos instrumentos/voz?

Vera- Nós, o ano passado utilizámos mais a flauta e esta foi a primeira vez, pelo menos para mim, para tocar outros instrumentos.

Vera- (faz um comentário sobre o modo como escolheram tocar determinado tipo de notas, relacionado com o ambiente que queriam criar para a banda sonora- resposta descontextualizada da pergunta)

Beatriz- Eu acho que o André e o Gonçalo, se fosse um deles, eu tinha aprendido a tocar em conjunto e saber tocar o xilofone e essas coisas...

Eu- Aquelas questões das mão alternadas que é uma coisa que os alunos têm alguma dificuldade. Normalmente utiliza-se a mão que dá mais jeito e a outra fica “pendurada” sem utilização. Esse tipo de coisas são técnicas que são desenvolvidas, são melhoradas quando nós temos hipótese de mais vezes tocar os instrumentos, coisas que às vezes nas aulas não dá para fazer pois temos outras coisas. Temos a flauta, temos o canto.

André- Por exemplo eu achava que o xilofone e os instrumentos da mesma família só tinham (diz as notas da esclaf de Dó Maior) e não sabia que tinha outro género para essas notas.

Eu- Que tinha uma continuação para uma oitava mais aguda. Que tinha as mesmas notas mais agudas.

André- Eu achava que era só aquilo.

Eu- Isso é uma aprendizagem relativamente aos instrumentos.

Vera- Por acaso as notas estão repetidas duas vezes.

Eu- Às vezes não chega a ser duas vezes. Têm uma extensão de, costuma-se dizer, uma oitava e meia mais ou menos. Por vezes vai do Dó ao Lá. Outras vezes, quando o instrumento é maior, tem então duas oitavas. Estava a pensar, em relação à questão do piano, não houve nada que tivesses desenvolvida no piano que não tivesse oportunidade ainda?

Noemi- Desde a primeira vez que eu toquei piano que eu nunca pensei que a colocação da mão fosse tão importante. Havia notas que fazia aqui (simula o gesto) e que eu trocava as mãos e não me dava tanto jeito fazer. Eu lá em casa porque a minha mãe sabe tocar alguma coisa no piano, ela ensinou-me que tinha de posicionar as mãos de maneira a que conseguisse tocar as notas certas...

Eu- Sem estares a fazer essas trocas de mãos.

Vera- Por isso é que quando entramos na sala queremos logo mexer nos instrumentos todos, pois não são muitas vezes que vamos para a sala de música mexer nos instrumentos.

Eu- Mas se calhar por isso é que este tipo de projeto tem vantagens em ser feito e em repetir-se mais vezes. Porque permite aos alunos ter um contacto mais regular... Nem tudo é cem por cento. Com isto tudo se utilizou pouco a flauta. Mas se calhar os alunos que não têm muito, muito interesse na utilização da flauta nas aulas mais “normais” acabaram também por ter oportunidade de tocar outros instrumentos que os atraem mais.

André- Com este projeto conseguimos utilizar mais instrumentos para além da flauta.

Eu- (Faço um comentário sobre o modo como decorrem as aulas ditas “normais” e as atividade que são propostas)

André- Não sei se não estou tão à vontade a decidir bem as notas que eu vou tocar, porque eu toco no xilofone, porque eu sei que tenho um ritmo certo para acertar com os

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA FINAL PROJ. EDUC. MESTRADO- GRUPO 4

bórgos que o Gonçalo está a tocar, só que por vezes eu engano-me porque às vezes acho que fica melhor a outra nota... e depois não... é melhor a outra que estava... e depois tento...

Eu- Mas convém, que estamos a chegar mesmo ao final, chegar a uma situação que seja mais ou menos definitiva.

André- Eu tenho de chegar a um ponto em que haja bem definido as notas que eu vá tocar. Porque depois atrapalho-me e não fica nada de jeito.

(Vera- Eu acho que as pessoas que não tinham tão boa nota nas avaliações de flauta puderam, com este trabalho, melhorar a sua nota porque conseguem trabalhar melhor nestes instrumentos que tocar na flauta.)

2- Para vocês quais são as principais diferenças entre improvisar e compor?

Beatriz- Improvisar... eu imagino: está um filme e tenho os instrumentos com o meu grupo e improvisar é fazer uma coisa do nada. Compor demoramos mais tempo, planeamos o que vamos fazer, combinamos tudo e as notas musicais são mais organizadas, *não é ao calhas*.

Vera- Eu acho que é nós termos um filme e a partir do nada nós tentarmos, com os instrumentos, representarmos o som do filme.

Noemi- Não pode ser só de um filme. Pode ser outras coisas: meio ambiente, até de uma fotografia podes tentar fazer uma música que tenha a haver

Eu- Ou até de uma coisa qualquer que te ocorra. Não precisa de haver uma referência externa.

Beatriz- Eu lembro-me de uma imagem e quero fazer um tema para essa imagem. Do nada faço o tema, sem notas sem nada.

Eu- Sem notas!

Noemi- Sem notas?

Eu- Fica só com ritmo!

Beatriz- Sem coisas planeadas.

Eu- Ou coisas que já estejam definidas no papel, na pauta.

Tiago M.- Eu acho que a improvisação é uma coisa que nós inventamos no momento e depois a composição é uma coisas que vem da improvisação, só que já com mais trabalho e já escrito numa pauta.

Eu- E aquilo que nós estamos a fazer aqui, será o quê? Nós não escrevemos na pauta.

Beatriz- É improvisação.

Tiago- É um bocadinho das duas coisas.

Noemi- É um bocadinho improvisação e um bocadinho composição.

Eu- É um meio termo porque, por um lado estamos a repetir algumas coisas, há coisas que se mantém, de umas sessões para as outras os grupos voltam a fazer determinadas coisas. Embora o André tenha dito há pouco que ainda à procura de notas que lhe soem bem, mas às vezes há bases que se têm mantido não é?

André- O ritmo mantém-se.

Eu- Já não é tudo novo. Cada vez que vamos tocar...

Vera- Nós vamos melhorando a nossa forma de fazer as coisas.

Eu- Mas será só composição porque está escrito numa pauta ou também poemas chamar a isto que estamos a fazer uma composição?

André- Eu não sei se este projeto eu hei-de chamar bem composição ou improvisação. Porque não temos notas escritas mas temos uma base daquilo que vamos saber (?).

Temos mentalmente gravado aquilo que vamos fazer. Por exemplo no caso da Noemi e do Tiago eles têm as coisas escritas numa pauta.

Noemi- Mas fomos fazendo alterações porque por exemplo, quando tocava um Ré no piano era um som diferente do Ré na flauta e então tentávamos fazer aquilo...

Eu- Para coordenar melhor os dois instrumentos.

Noemi- (Acena a cabeça afirmativamente)

Eu- (Chamo a atenção do Gonçalo para a necessidade e importância de participar na troca de opiniões).

Vera- A partir da ideia do André: nós aos experimentarmos novas notas pode sair mal, mas também pode sair melhor do que tínhamos planeado.

André- E depois já está definido!

Eu- Mas para lá chegar também teve de haver muitas experiências.

André- O ritmo alterando-se altera tudo! Mas se alterarmos só as notas altera o... o sentido que tem.

Eu- O carácter?

André- Sim.

3- O que entendem por banda sonora?

Tiago- É a música que ocorre durante um filme. Que acompanha o filme.

André- É o que dá animação ao filme. Por exemplo, os filmes mudos eu já via na televisão e não achei piada.

Eu- Porque lhes falta o som?

André- Sim. Um filme em que tenha falas, que tenha música ambiente faz com que nós queiramos continuar a ver e que nós conseguimos perceber melhor o filme. Por exemplo se a personagem está triste uma música triste, se está alegre uma música alegre.

Eu- **E o que é sonoplastia?**

André- São os sons do ambiente. Se eu fizer assim (bate na mesa)... no filme é sonoplastia mas é claro que no momento não está a gravar o bater, mas depois adiciona-se esse som para representar melhor que eu estou a bater na mesa.

Eu- Concordam, não concordam. Têm coisas a acrescentar?

Tiago e Vera- Eu concordo! (Beatriz acena a cabeça afirmativamente)

Eu- Se a banda sonora será, como diz o Tiago a música que acompanha então a sonoplastia será...?

Noemi- Serão os outros sons que se juntam ao filme e que se acrescentam para dar mais emoção.

Beatriz- Por exemplo falas.

Vera- São os sons que representam coisas que nós fazemos no dia-a-dia.

Eu- Ações que nós fazemos?

Vera- Sim. Por exemplo falar.

André- Às vezes nos filmes há aquelas músicas muito baixinhas, que quase nós não damos por elas, mas se nós formos ver o filme sem a música nós damos logo pela falta dela.

Eu- Mas aí estamos a falar de banda sonora ou sonoplastia?

André- Aí estou a falar de banda sonora. Ou seja muda muita coisa. Eu experimentei ver um filme com e sem som e estando a música muito baixo eu não reparo, mas tirando a música faz grande diferença.

Eu- Sentes a falta de qualquer coisa ali.

4- O que é necessário para fazer uma composição musical para um filme?

Noemi- É ter uma base... sobre o que vamos fazer. Para que estamos a compor... e termos uma base, ou um ritmo ou já uma ideia planeada para esse tema.

Eu- (repito a pergunta sublinhando que estamos a falar de um filme e não de outro tipo de composição)

Beatriz- Imaginar um ritmo.

Noemi- Ver o que fica melhor com os momentos que ocorrem.

Beatriz- Se é alegre, se é triste, se está normal.

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA FINAL PROJ. EDUC. MESTRADO- GRUPO 4

André- Num filme complexo daqueles que saem nos cinemas, têm de ter as músicas bem definidas, tem de ter a sonoplastia toda bem definida de cada movimento que acontece todo o filme. Isso tem de ter, senão o filme fica de certa forma incompleto. Mas este filmes aqui de desenho animado que nós estamos a fazer, que também não é uma coisa para ficar muito complexa, acho... Porque para ficar muito complexo, ainda por cima filmes de um ou dois minutos, já iria levar algum tempo apesar do filme ser pouco. Até teríamos de usar programas no computador para fazer os sons e não só usar os instrumentos.

Eu- Querem acrescentar alguma coisa?

5- Quais os mecanismos expressivos que consideram mais importantes numa composição musical para um filme?

Noemi- Para mim é o realce tímbrico porque há certas situações em que precisa de haver uma coisa que se impõe acima das outras para percebermos que... Dando o exemplo do nosso, quando o urso encontra o passáro a Beatriz faz o som do passáro e aquilo faz um realce tímbrico porque é do pássaro que nós estamos a falar. É o som do pássaro, é o pássaro que nós queremos realçar.

Eu- E aí será sonoplastia ou banda sonora?

André- Este bocado do pássaro é sonoplastia. Também a banda sonora também se altera. A sonoplastia fica normal...

Eu- A sonoplastia é a questão do efeito para representar o que apareceu ali.

André- Mas a banda sonora tem de ter contraste, uma parte e outra. Num filme que seja só de notas graves não tem piada.

Vera- Não faz sentido.

Eu- Então achas que por exemplo a questão da altura do som, mais grave ou mais agudo, pode ser um dos mecanismos expressivos mais importantes?

André- Sim, faz diferença. Se estiver só a usar notas graves aquilo fica chato, chega a um ponto fica chato, e se eu estiver sempre a alternar... fica melhor.

André- É como ter uma cena triste em que tem uma música triste. Depois a música fica alegre e a música continua triste. Não faz sentido!

Beatriz- Não faz sentido!

Vera- Têm de ser coisas que batam certo com aquilo que nós estamos a fazer.

André- Por isso é que nós apontámos os segundo em que as coisas mudam, para nós podermos saber os tempos e temos de mudar os instrumentos.

Eu- Mais alguma coisa que queiram valorizar?

6- Relativamente às experiências de improvisação anteriores (com outros indutores) o que acharam de trabalhar sobre os filmes?

Vera- Trouxe-nos a experimentar novos instrumentos.

Eu- Mas isso já tinhas feito também quando foram as improvisações sobre as imagens paradas, não foi?

Vera- Ah sim. Foram sons diferentes. Tivemos outro assunto a tratar.

Noemi- Para mim aprofundámos mais. Aquela parte das imagens foi como um primeiro treino para aquilo que... para experimentar novos instrumentos e ver o que os instrumentos faziam e qual era o som dos instrumentos. Depois, a parte da composição do filme, fomo aprofundar mais aquilo que já tínhamos visto nos primeiros treinos e nas primeiras aulas que tivemos para ver o som dos instrumentos, e ver o que ficava melhor no filme.

André- Este projeto nós tínhamos de trabalhar mais do que se fosse nas imagens paradas. Nas imagens paradas nós improvisamos naquela altura em que achamos que fica bem, enquanto que no projeto que estamos a fazer agora nós começamos por improvisar e, se está bem fica definido, se está mal vamos mudando as coisas até que fique bem definido, continuamos a fazer.

Eu- Traz um outro desafio. Acrescenta algum...

André- Dá mais trabalho.

Vera- Outr diferença é que se nós tivermos a imagem parada, nós tocamos uns sons que ficam bem, mas se nós tivermos um filme temos de tocar vários sons para várias partes do filme.

Eu- Para situações diferentes do filme.

André- Na imagem parada continua sempre aquela situação.

Eu- Não quer dizer que a música ou o som que se está a fazer não vá mudando.

Podemos entender aquela imagem parada de várias maneiras.

Gonçalo- Com este projeto a gente pode experimentar, como já tínhamos visto, o melhores instrumentos quando estavam ali as imagens

7- Como avaliam a composição do vosso grupo? Porquê?

André- Eu acho que está a correr bem. Acho que avançámos imenso desde a primeira vez que tocámos. Não tem nada a ver.

Noemi- No início ainda houve algumas “não podemos fazer isso porque fica mal” e até houve algumas discussõezinhas de nada, mas depois fomos aceitando as idéias e fomos juntando as idéias de cada um e fomos melhorando as coisas...

André- Que depois no fim vai dar uma coisa boa. No princípio era uma coisa horrível.

Eu- “Horrível” é uma palavra um bocado forte.

Beatriz- Para que nem sabia tocar um Dó, já está a fazer um filme. Já estamos a avançar...

Eu- Mas tu já sabias tocar um Dó?

(Risos)

Beatriz- Sim mas... no princípio não sabíamos tocar nada e agora estamos a fazer um filme, estamos a aprender mais. Tocámos, estamos a fazer tudo em grupo.

Vera- Estamos a aproveitar as aulas que tivemos no ano passado que servem para construirmos aquilo que pretendemos.

André- Se fôssemos fazer isto logo no quinto ano não dava nada de jeito. Nem tocar flauta sabíamos.

Eu- Eram coisas diferentes se calhar.

8- Que composição dos vossos colegas preferem? Porquê?

Vera- Eu acho que o grupo da Inês, o filme era... aqueles sons que elas estavam a fazer faziam sentido mas elas ainda não estavam habituadas e ainda não conseguiam... Mas há sons que elas tinham pretendido que estavam como deve ser.

Noemi- Eu quando vi o filme da Maria pensei que elas iam fazer uma coisa muito boa, porque até era um filme divertido. Quando comecei a ouvir o que tinham feito, percebi que elas tinham uma base, mas não aprofundaram assim tão bem.

André- Eu vi que elas tinham uma idéia boa na cabeça, mas quando imaginaram e fizeram cá fora, não correu tão bem. Quando a Inês abriu a porta e depois fechou, eu acho que aí não ficou bem, e agora quando o David faz aquele som já fica melhor.

André- Estou a falar do mesmo, acho que eles se concentraram muito mais na sonoplastia do que se concentraram na banda sonora porque, por exemplo, quando o pinguim está a cair na água não há nada, não há música! Quando no início eles concentram-se muito, o pinguim a rasgar o papel, a porta a bater, o foguete a ir para cima. Concentram-se muito mais na sonoplastia.

Vera- Eu acho que ele tem razão. Enquanto que a maior parte dos grupos tem de treinar as duas coisas eles só tentaram treinar uma e o tempo não vai chegar para eles conseguirem treinar uma e ficar perfeita e a outra. Eles têm de treinar as duas coisas senão só têm uma parte do filme.

9- Como é que acham que o vosso grupo se organizou?

Vera- Eu acho que foi bem!

Noemi- Ao início foi um bocado confusa.

André- Foi um bocado complicado.

Vera- Sim! Começou a ser complicado porque começámos a ver o filme e cada um tinha idéias diferentes, mas depois tivemos de habituar as idéias de uns ao filme. Não pode ser só as minhas idéias para um filme. Temos de por um pouco de todas as idéias naquilo que vamos fazer.

André- Não é fácil. Se fosse fácil não se fazia.

10- Todos os elementos do grupo contribuíram com ideias e sugestões?

Vera- Sim, sim! Mesmo o Gonçalo que não está a falar contribuiu.

Noemi- Foi ele que tomou a iniciativa de, no primeiro dia, começar a apontar os tempos. Ele e o André.

Beatriz- Sim, nós começámos a pensar... vimos o filme e dissemos “eu acho que aqui fica bem o tal instrumento e aquele”.

Noemi- E houve uma brincadeira que nós dissemos assim, depois de aparecer o Pai Natal, eu viro-me para a Vera e para a Beatriz e digo “ficava bem alguém dizer Oh-Oh-Oh”...

Beatriz- E o André: “Eu faço!”.

(Risos)

André- Eu pensava que era mesmo a sério. Afinal para elas era uma brincadeira mas acabou por ser a sério.

Beatriz- Ele faz e faz quando o boneco está a comer o bolo.

Vera- Como eu disse, aproveitámos as idéias de todos. Nós aproveitámos as idéias do Gonçalo e do André com o tempo dos instrumentos que nós tínhamos planeado.

Eu- Então, um dos pontos positivos do trabalho foi que realmente aproveitaram as idéias de toda a gente. E pontos negativos?

André- Confusão!

Vera- Pois! Certos instrumentos que nós ao princípio tocávamos e que depois deixámos de tocar para tocarmos outros.

Eu- Escolhas que não foram muito bem feitas de início?

André- Quando digo confusão é tipo “eu acho que fica bem! não, não fica bem!!”.

Eu- Mas isso é o processo de trabalho.

Vera- As notas no princípio não estavam bem construídas e agora já começamos a ter um índice??

Beatriz- E nós ao princípio estava toda a gente a brincar e agora no final já está toda a gente séria porque queremos que o filme fique mesmo bem.

André- Porque agora temos algo mais complexo.

Noemi- Ao início não pensámos que ia ser assim tão...

Beatriz- Sério!

Vera- Complicado!

Noemi- Não é difícil, nem complicado é...

Eu- Exigente.

Noemi- Exigente!

Vera- Exatamente!

12- Como é que decidiram que ideias musicais deviam ficar na versão final da banda sonora?

André- A maioria das nossas primeiras idéias ficou no filme, mas houve algumas que se foram perdendo pelo caminho e que...

Eu- Mas isso foi uma decisão... como é que foi decidido?

André- Foi nós todos.

Eu- Não houve assim ninguém que tivesse...

Noemi- Por exemplo, houve alturas em que eu estava a tentar improvisar no piano e que eu tentei fazer notas e como vi que não resultavam eu deixei essas idéias um bocadinho de lado e concentrei-me em fazer uma coisa que fizesse sentido com a flauta do Tiago.

Vera- Por exemplo, eu acho que quando... aquele que é o urso abriu a janela para entrar o pássaro, eu acho que nós tínhamos algo planeado para quando ele abrisse a janela, mas não foi necessário.

Eu- Mas foi sempre uma decisão do grupo?

André- Sim.

Vera- Sim.

Eu- Não houve ninguém individualmente a decidir...

Vera- É óbvio que eles fizeram os tempos e nós os instrumentos e todos trabalhámos com ambas as coisas.

André- Uma coisa que seria um daqueles filmes que sai do cinema é que, por exemplo, ele está a andar e (bate os pés como se estivesse a andar e de seguida refere diversos momentos do filme a que correspondem sons diversos). Como nós não temos assim tanto tempo para estar a pegar em tantos pormenores não deu para fazer tudo.

13- Se voltassem a ter uma experiência (encomenda) deste género prefeririam compor sozinhos ou em grupo? Porquê?

Todos- Em grupo!

André- Sózinho é muito difícil! Tínhamos de andar de um lado para o outro.

Vera- Só que se calhar as raparigas preferiam ficar...

Eu- Calma, há uma informação adicional que posso dar: não se esqueçam que o trabalho sózinho pode ser feito, tal como estavas a dizer, com programas de computador em que eu posso gravar à vez cada um dos instrumentos e fazer experiências. Não precisas de estar a tocar tudo ao mesmo tempo. Pode-se fazer isso tudo em casa, no estúdio, sozinhos. Com o computador já se faz isso tudo quase em casa.

Beatriz- Mas eu acho que em grupo fica melhor porque assim também não estamos sózinhos, temos mais idéias, temos mais cabeças para pensar...

André- Sózinho é difícil porque temos de ter as idéias todas, enquanto em grupo se eu não tiver a idéia alguém irá ter a idéia que falta.

Beatriz- E se tivermos pouco tempo ainda pior porque somos só um.

Noemi- E também se tivermos em grupo eu possi ter uma idéia e achar que fica muito bem, mas em grupo podem-me dizer queaquilo não fica bem e que fica melhor outra coisa e eu tento fazer isso...

Vera- Isto é mais ou menos como um puzzle: temos de encaixar as peças no sítio certo e nós temos de encaixar as idéias uns dos outros nas partes do filme que corresponde à imagem.

14- Durante a realização do trabalho de composição aprenderam algo de novo com algum dos outros elementos do grupo? O quê?

Vera- Eu pensava que no piano apenas existiam as notas que há na flauta e afinal há as nota que há na flauta e ainda há montes de sons que nós podemos fazer!

Eu- E tu aprendeste isso com algum deles?

Vera- Por exemplo a Noemi...

Noemi- No primeiro dia eu digo assim “não sei se consigo tocar uma nota” e a Vera “basta olhares para onde está escrito” e eu “Vera, as notas não estão escritas!”.

André- Outra coisa que mudou é que eu achava, no início, que eu podia fazer uma banda sonora só com o teclado por ter aqueles sons todos. Ao fim ao cabo percebi que não.

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA FINAL PROJ. EDUC. MESTRADO- GRUPO 4

Beatriz- Professor, aquela primeira pergunta que fez...

Eu- Das técnicas?

Beatriz- Mais ou menos. Eu assobio desde os 4 anos mas tive de parar quando entrei para a escola porque assobiava nas aulas e a minha mãe disse-me para eu me habituar a estar calada. Agora quando vim para o 5º ano voltei a assobiar e aprendi novos sons, como o pássaro. Foi a primeira vez que mostrei a alguém num filme...

Eu- Foi aproveitar uma capacidade que tu tens que nunca tinha sido explorada em termos de escola.